

A Memória no Prólogo do *Timeu*

Alice Bitencourt Haddad
Doutoranda em Filosofia do PPGF-UFRJ

Talvez não seja absurdo dizer que o personagem principal do prólogo do *Timeu* seja a Memória. A memória funciona ali como um tema recorrente, chamando à atenção que é ela que orienta cada fala, é ela que pauta os discursos inclusive dos personagens que estão dentro das falas de outros personagens. O tema interessa a qualquer estudioso de Platão, uma vez que ele atrai outras noções capitais em sua obra, como tradição e reminiscência. Resta-nos saber em que contexto se encontra a memória no texto trabalhado, saber se é possível estabelecer uma ponte entre o tratamento que lhe é dado no prólogo do *Timeu* e o tratamento que lhe é dado em outros diálogos.

O primeiro passo para análise do problema é ver as noções usadas nas referências à memória nos textos em questão e, junto a isso, discutir também os momentos em que ela está subentendida, ainda que não mencionada em palavras.

No *Timeu*, após Sócrates constatar a ausência do quarto de seus convidados da véspera, ele pergunta aos anfitriões de hoje se eles se lembram do que lhes fora dito no dia anterior. “Por acaso então vos lembrais [*mémnesthe*] de tudo aquilo, sobre o que tive de vos contar?¹” Ao que Timeu responde: “Lembramo-nos [*memnémetha*] sim, mas não de tudo, que tu aqui presente nos lembrarás [*hypomnéseis*].²” O que se segue é uma rememoração do que Sócrates considera o principal do que foi dito por ele na véspera acerca da *politeía*. A *politeía* aludida é, em muitos dos aspectos lembrados, idêntica à *politeía* construída na *República*. São poucos os intérpretes que recusam essa alusão³ e são muitos os indícios de

¹ PLATÃO. *Timeu*, 17b5-6. Tradução nossa sempre que não indicarmos outra autoria.

² PLATÃO. *Timeu*, 17b7-8.

³³ Cf. TAYLOR, A. E. *A Commentary on Plato's Timaeus*. Oxford: Clarendon Press, 1962 (p. 3); CAMP, L. Sprague de. *Lost Continents: The Atlantis Theme in History, Science, and Literature*. New York: Dover, 1970 (p. 5); AUSLAND, Hayden W. Who speaks for Whom in the *Timaeus-Critias*? In: PRESS, Gerald A. (Ed.). *Who speaks for Plato?: Studies in Platonic Anonymity*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2000. p. 183-198 (p. 195);

que ela realmente se dá. Quanto ao conteúdo, vemos a divisão das classes¹; cada um deve ter uma ocupação de acordo com sua natureza²; os guerreiros são os únicos guardiões da cidade³; eles devem ter uma alma de caráter ardoroso e ao mesmo tempo filosófica⁴; eles são formados através da ginástica, da música e dos outros conhecimentos que lhes convêm⁵; os guerreiros não terão nenhuma riqueza própria⁶; eles se alimentarão e viverão em comunidade⁷; as mulheres são consideradas da mesma forma que os homens, de acordo com suas naturezas⁸; elas podem exercer as mesmas tarefas que os homens⁹; os casamentos e as crianças são comuns, de modo a todos reconhecerem em seus concidadãos irmãos, pais, filhos, avós, de acordo com a idade¹⁰; as uniões são controladas em segredo, por falsos sorteios, para que não se

ARCHER-HIND, R. D. *The Timaeus of Plato*. North Stratford: Ayer, 2002 (p. 53); ROBIN, Léon (Trad.). *Critias*. In: _____ (Trad.). *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1950. v. 2 (p. 1484) entre os que aceitam. Lan (*Timeo*. Buenos Aires: Colihue, 1999, às p. 35-36) recusa a suposta continuidade entre um e outro diálogo por (1) estranhar que só se mencionem temas dos livros II a V da *República*; por (2) considerar que na *República* se dê o Festival da Bendidéias e no *Timeu*, o das Panatenéias (objeção respondida por Taylor – ver nota 20); e (3) pela composição dos dois diálogos com diferentes personagens. Essa terceira objeção nos parece a mais fácil de responder. *Timeu*, *Critias* e *Hermócrates* não estariam entre os interlocutores de Sócrates na *República*, como seriam Trasímaco e Polemarco, por exemplo. Eles seriam os ouvintes de Sócrates. Há que se lembrar que a *República* é uma narrativa, feita por Sócrates, a personagens não nomeados por Platão, de um evento que ocorreu no dia anterior. São dois acontecimentos, portanto, vividos por personagens diferentes. O acontecimento narrado, a construção da *politeia* para se conhecer a justiça, e o acontecimento da própria narração, que poderia contar com a participação dos quatro personagens citados no *Timeu* e no *Critias*. Lee (*Timaeus and Critias*. London: Penguin Books, 1977. Ver p. 146) aceita a alusão, mas recusa a idéia de seqüência pelo segundo motivo citado por Lan.

¹ PLATÃO. *Timeu*, 17c6-8; *República*, 374b6-d7.

² PLATÃO. *Timeu*, 17c10-d1; *República*, 370a7-b5.

³ PLATÃO. *Timeu*, 17d2-3; *República*, 374a4-7.

⁴ PLATÃO. *Timeu*, 18a5-7; *República*, 375b7; e9-11.

⁵ PLATÃO. *Timeu*, 18a10-12; *República*, 376e3-5; 522e1-3; 527c1-3; d1; 528d8-11; 531b8-c7; 531c9-532b3.

⁶ PLATÃO. *Timeu*, 18b1-8; *República*, 416d4-6.

⁷ PLATÃO. *Timeu*, 18b5-8; *República*, 416d7-417a5.

⁸ PLATÃO. *Timeu*, 18c1-2; *República*, 451d3-452a7.

⁹ PLATÃO. *Timeu*, 18c-3-4; *República*, 4524-5.

¹⁰ PLATÃO. *Timeu*, 18c6-d5; *República*, 457c12-d3.

misturem homens bons com mulheres ruins e vice-versa¹; ficam na cidade apenas as crianças boas, sejam elas filhas ou não de homens considerados bons.²

Durante essa recordação feita por Sócrates, temos ainda cinco menções explícitas à memória:

SÓCRATES. Além disso, acerca das mulheres nos recordamos [*epemnésthemen*] que suas naturezas seriam semelhantes às dos homens [...]³.

SÓCRATES. E o que então acerca da procriação de crianças? Não é isto fácil de recordar [*eumnemóneuton*], dascoisas que foram ditas, por ser extraordinário? [...]

TIMEU. Sim, essas coisas são fáceis de lembrar [*eumnemóneuta*], como dizes.

SÓCRATES. E, conforme o possível, de modo a que tão logo viessem a ser excelentes em suas naturezas, acaso não nos lembramos [*ou memnémetha*] de que dizemos ser necessário que os governantes e as governantes maquinem secretamente a união dos casamentos por meio de uns sorteios [...]?

TIMEU. Lembramo-nos [*memnémetha*]⁴.

Do trecho que se refere à recordação da *politeía* isso é o que encontramos. O que podemos dizer por enquanto é que Platão não economiza nos prefixos ao usar verbo e adjetivos que expressam a lembrança, a recordação, a rememoração. Temos os verbos *mimnéskomai*, *hypomimnésko*, *epimimnéskomai*; e o adjetivo *eumnemóneuton*.

Não há nada até aqui que verifique um valor à memória estranho ao senso comum. A questão é que temos motivos para desconfiar do contrário. Sendo o *Timeu* uma seqüência da *República*, temos que supor esse último diálogo como sabido. Ele está sendo levado em consideração por Platão, que não costumava escrever seqüências⁵, o que nos faz concluir que ele deveria ter uma boa razão para para isso; e também está sendo levado em consideração pelos personagens, que

¹ PLATÃO. *Timeu*, 18d7-e4; *República*, 459e6-460a6.

² PLATÃO. *Timeu*, 19a1-4; *República*, 460c1-5.

³ PLATÃO. *Timeu*, 18c1-4.

⁴ PLATÃO. *Timeu*, 18c6-e5.

⁵ Sobre a seqüência *República-Timeu-Crítias*, ler AUSLAND, 2000. A autora encontra semelhanças na forma do encadeamento dos diálogos em *Teeteto-Sofista-Político*. Em ambas as seqüências a ligação com o primeiro diálogo é suposta a partir do segundo, que se inicia com o termo "ontem"; em ambas estaria faltando o quarto diálogo anunciado (*Hermócrates e Filósofo*); em ambas o terceiro diálogo parece incompleto (*Crítias e Político*).

supostamente sabem o que se passou na casa de Céfalo. Essa afirmação não acarretaria nenhum problema de incoerência¹ quanto aos dois dramas, pois sabemos que *Timeu*, *Crítias* e *Hermócrates* poderiam estar entre os que ouvem a narrativa da *República*, que também é uma recordação de Sócrates, que começa com um “*ontem* desci ao Pireu...”. O termo *khthés* também aparece muitas vezes no início do *Timeu*, marcando também a narrativa, de memória (de cor), de algo passado, vivido por aquele que conta.

Devemos observar também que se Platão leva em consideração a *República*, e se os personagens levam em consideração a *República*, parece haver também uma chamada ao leitor, para que esse também a leve em consideração. O esforço de memória impetrado pelos interlocutores é inevitável também para nós. Nós vemos que operamos tal esforço quando nos damos conta do que não foi dito acerca da *politeía*, que tanto pode se referir à *politeía* construída com *lógos* pelos personagens, quanto ao próprio texto de Platão, que levava o mesmo nome. Perdemos esse jogo de linguagem com a tradução.

Além disso, é de se notar que, assim como o conteúdo da discussão da véspera precisa ser lembrado para se dar início à devolução dos discursos, à devolução de hospitalidade pelos convidados do dia anterior, dando certa sensação de vazio a ser preenchido a partir do *lógos da memória*, a cena dramática nos oferece uma outra ausência, a ausência de um dos personagens esperados para o banquete, este acometido por alguma fraqueza ou doença. Sem nos importarmos agora com deduções sobre quem seria

¹ Costuma-se colocar como um problema o fato de a data dramática da *República* coincidir com o festival das Bendidéias. Pois se os diálogos de *Timeu* e *Crítias* se dão dois dias depois do narrado na *República* – visto que a *República* começa com um “ontem” e o *Timeu* também –, então o festival das Bendidéias antecederia em dois dias o festival das Panatenéias, data dramática usualmente inferida da passagem de *Timeu*, 26e3-6, o que seria impossível. “E onde encontraríamos, Crítias, outra [história] melhor do que essa, tão indicada para o festival de hoje, por sua própria relação com a divindade...” Tradução de Carlos Alberto Nunes (em NUNES, Benedito (Coord.). *Diálogos: Timeu – Crítias; o Segundo Alcibíades; Hípias Menor*. 3 ed. Belém: UFPA, 2001. Ver p. 63). Taylor (1962, p. 45) responde a essa objeção reconhecendo a referência à *Plynteria*, um outro festival dedicado a Atena, um pouco posterior às Bendidéias.

esse anônimo¹, o certo é que, na trajetória dos discursos, os outros três terão que substituí-lo conforme o possível, *anaplerouên*, preencher o vazio. Assim como a recapitulação de Sócrates, um *lógos* outro, tenta tornar presente parte do *lógos* ausente, passado, Timeu, Crítias e Hermócrates tentarão ocupar o lugar do anfitrião ausente, tornando-o, de certa forma, presente. É nesse jogo de ausência e presença² que os diálogos se desenvolvem, o que parece especialmente tramado para destacar a memória e aquilo que lhe é inerente, isto é, as falhas, as perdas a cada narrativa, e aquilo que ela traz, por outro lado, de invenção e construção.³

Outra questão que devemos analisar, uma vez que estamos levando em consideração, tomando como “sabido”, o texto da *República*, é a memória no contexto desse outro diálogo. Bom, já mencionamos que toda a *República* é uma recordação de Sócrates. Além disso, encontramos-la tendo um papel fundamental naquilo que se diz a natureza filosófica. A alma filosófica é memoriosa (*mnemonikén*⁴), a natureza filosófica é memoriosa (*mnémon*⁵). A

¹ Taylor (1962, p. 25) afirma que seria alguém que professasse a doutrina exposta por Timeu, uma vez que este se propõe a substituí-lo. Sugere os nomes de Filolau e Empédocles. Ausland apresenta uma interessante teoria, observando que as palavras de Sócrates, *heís, dýo, treís*, fazem alusão às três dimensões da matemática, e que o quarto estágio nesse “crescimento” seria o movimento dos sólidos, “exatamente o que Sócrates quer: contemplar sua cidade imóvel ganhando vida”. Cf. AUSLAND, 2000, p 198.

² Sobre a ausência e sua relação com a imitação, ver BRISSON, Luc. *Platon, les mots et les mythes: Comment et pourquoi Platon nomma le mythe?* Éd. rev. Paris: La Découverte, 1994. Cf. p. 81-83.

³ Desclos (*Les prologues du Timée et du Critias: un cas de rhapsodie platonicienne*. 2005. Conferência apresentada no Seminário de Estudos Platônicos, do Programa de Estudos em Filosofia Antiga da UFRJ, Rio de Janeiro, 2005) chama atenção para o aspecto performático das várias narrativas que se dão nos diálogos em questão, associando a fala dos personagens à execução rapsódica. São vários os narradores “de memória” de uma mesma história, como veremos adiante no texto, são várias as execuções de um mesmo motivo, colocado previamente, que se dão sucessivamente. O que acontece a cada “performance” é o que a autora chama de “recomposição-na-execução”. E a seqüência das narrativas, da mesma forma como acontece num concurso de rapsodos, imprime movimento ao conteúdo narrado, gerando uma “poética do movimento”, de alto interesse para o objeto dos diálogos *Timeu* e *Crítias*, cujos personagens devem responder ao apelo de Sócrates de pôr em movimento a *politeía* descrita por ele no dia anterior.

⁴ PLATÃO. *República*, 486d3.

⁵ PLATÃO. *República*, 487a7; 503c2; 535c1. Há um interessante e breve comentário sobre mencionados esquecimentos de Sócrates em SIMONDON, Michèle. *La Mémoire et*

memória é um dos requisitos para a escolha do futuro guardião e governante. É possível que no prólogo do *Timeu* Sócrates esteja exigindo de seus interlocutores um esforço preliminar e próprio ao debate filosófico¹. Afinal, os três pertencem a um *génos* que, por natureza e educação, participa da filosofia e da política.²

Voltando ao tema da memória em *República*, devemos observar sua importância no livro X, especificamente no Mito de Er. As almas empoeiradas recordam-se, chorando, da viagem de mil anos ao subterrâneo que foram condenadas a fazer³, e narram essa trajetória a Er. Este também presencia o momento em que as almas devem escolher os paradigmas de vida para renascerem como mortais. As almas que se recordam dos sofrimentos passados se decidem por mudar de vida. É assim que Ajax foge de tornar-se homem e escolhe a vida de leão.⁴ Assim também age a alma de Ulisses, que escolhe a vida de um homem alheio aos assuntos políticos.⁵ Depois que as almas escolhem suas vidas, elas são levadas à planura do Letes (*Léthes, do esquecimento*), e são obrigadas a tomar da água do Rio Ameles (*tòn Améleta potamón, do Rio “Sem Cuidados”*⁶). As afoitas, não impedidas pela *phrónesis*, tomam mais do que deveriam, sem saber que a água faz esquecer. No livro X, portanto, damos conta de que a memória, além de ser uma qualidade filosófica (ou justamente por sê-la), é imprescindível para a escolha, por parte da alma, dos paradigmas de vida. E é importante

L'Oubli dans la Pensée Grecque jusqu'à la Fin du V^e Siècle avant J.-C. Paris: Les Belles Lettres, 1982. Ver p. 309-310.

¹ Ver SCHALCHER, Maria da Graça Franco Ferreira. O silêncio de Sócrates no prólogo do *Timeu*. *Letras Clássicas*, [S.l.], n. 2, p. 187-199, 1998. Separata. Cf. p. 189.

² PLATÃO. *Timeu*, 19e8-20a.

³ PLATÃO. *República*, 614e7-615a2.

⁴ PLATÃO. *República*, 620b1-4.

⁵ PLATÃO. *República*, 620c3-7.

⁶ Tradução em nota de PEREIRA, Maria Helena da Rocha (Trad.). *A República*. 8. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. Ver p. 499. Segundo Vernant (O rio *Amèles* e a *meléte thanátou*. In: _____. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Tradução de Haiganuch Sarian. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 167-185), p. 167, a única criação platônica nesse quadro seria o nome de Ameles dado ao rio, todo o resto, a planície do Letes e “a água fresca com poderes sobrenaturais”, concordando com a tradição. Sobre a criação do nome do rio e sua relação com a obra platônica, cf. artigo completo.

destacar que bebe menos da água que traz o esquecimento aquela alma que é resguardada pela *phrónesis*.

Tendo todo esse contexto em mente devemos ler o *Timeu* e o *Crítias*. No entanto, seremos apresentados, durante a leitura desses diálogos, a um outro papel da memória, esse não dito expressamente na *República*. É o que vamos abordar agora, com o começo da primeira narrativa de Crítias.

A primeira narrativa de Crítias se dá no *Timeu*, e ela é uma amostra da segunda narrativa, a ser contada depois do discurso de Timeu. Na verdade, é Hermócrates quem pede que Crítias a exponha preliminarmente para saber se ela serve ou não à proposta inicial de Sócrates, a saber, ver em movimento a *politeía* descrita na véspera, ouvir dos personagens as lutas que ela enfrenta contra outras cidades, ouvir como aqueles que foram formados e educados agem e negociam.¹

A história de Crítias percorre um longo caminho, atravessa milênios, e nos chega por esforço de memória de vários personagens. É preciso deixar claro que, aqui, ao tratarmos da memória, estamos nos colocando dentro do diálogo, não questionando, ainda, se a história é ficção ou não e o que Platão quer com isso. Tomemos por enquanto a história como nos é contada. Vale a pena tomar dois caminhos diferentes para descrever o percurso da memória. Primeiro, seguiremos com os personagens para, depois, considerá-lo cronologicamente, na seqüência cronológica dos fatos narrados.

A primeira coisa que sabemos é que a história é contada por Sólon ao bisavô de Crítias, chamado Drópides. O filho de Drópides, avô de Crítias, também chamado Crítias, se recordava, diante do neto, desses grandes, maravilhosos e antigos feitos de Atenas, que se apagaram, e que agora conviria recordar.

[Sólon] era, portanto, familiar e profundo amigo de Drópides, nosso bisavô, como ele diz muitas vezes na poesia; a Crítias, nosso avô, que se recordava [*apemnemóneuen*] por sua vez diante de nós, contou o velho que grandes e maravilhosos seriam os feitos desta cidade, pelo tempo e

¹ Ausland (2000, p. 198) propõe que agora o que Sócrates pede é aquilo que ele recusa a Gláucon no livro V de *República*, “vida real respirada dentro de sua cidade teórica”. Timeu, Crítias e Hermócrates cumprirão um papel que ele não *pôde* exercer.

pela destruição dos homens, apagados; de todos um seria o maior, do qual agora seria conveniente recordar [*epimnestheîsin*] para ti, para ao mesmo tempo prestar reconhecimento à deusa na festa, com justiça e verdade, como se louvássemos cantando.¹

A história a ser contada por ele foi contada por Sólon a Drópides, por Drópides a Crítias-avô, e do Crítias-avô foi ouvida por Crítias-narrador. A recordação sendo o fio condutor dos maravilhosos feitos de Atenas, feitos narrados segundo o que Sólon ouviu.

Crítias ouviu a história² quando tinha dez anos e seu avô, noventa. Também durante uma festa, agora das Apatúrias, no dia da *Koureôtis*³. Ele estava entre as crianças, recitando poemas de Sólon. Um de seus irmãos, Amínandro, não se sabe se porque assim lhe parecia ou se porque queria agradar ao avô Crítias, disse que Sólon seria não só o mais sábio dos homens, como o mais nobre de todos os poetas.

O velho – recordo-me [*mémnemaî*] perfeitamente – gostou muito, e, sorrindo, disse: “Se, Amínandro, [Sólon] não aproveitasse a poesia como um passatempo, mas levasse a sério como outros, e a história que aconteceu no Egito aqui fosse obrigado a terminar, e se não fosse obrigado a negligenciá-la por causa das sedições e de outros males que encontrou aqui ao chegar, em minha opinião nem Hesíodo nem Homero nem nenhum outro poeta se tornaria um dia mais bem-reputado do que ele”.⁴

¹ PLATÃO. *Timeu*, 20e1-21a4.

² O tempo todo, quando se trata da *história* de Crítias, aparece o termo *lógos*. Não haverá espaço para tratarmos desta questão neste artigo.

³ “A *Koureôtis* [avisamos apenas que transliteramos os termos gregos desta citação por norma da revista, estando eles, no original, em caracteres gregos], o terceiro dia do festival, era a ocasião em que as crianças nascidas nos últimos doze meses eram apresentadas e formalmente reconhecidas pelas *phratríai* de seus pais.” TAYLOR, 1962, p. 51. Archer-Hind (2002, p. 67) diverge quanto à idade das crianças: “Apatúria era o nome de um festival em honra de Dionísio, levado no mês Pyanepsion, que correspondia, grosso modo, ao nosso outubro. Ele durava três dias, dos quais o primeiro era chamado *dórpeia*, o segundo, *anárrysis*, e o terceiro, *koureôtis*. Nesse terceiro dia os nomes das crianças de três ou quatro anos de idade eram inscritos nos registros de sua *phratría* [termos transliterados pelo mesmo motivo supracitado]”. Brisson (1994, p. 37) segue este último.

⁴ PLATÃO. *Timeu*, 21c2-d3.

A história que Crítias vai contar não foi escrita por Sólon. Ela é, portanto, contada a Drópides de memória. Justamente a história que daria uma poesia que tornaria Sólon mais famoso que Homero e Hesíodo. Ela se passa em Saís, cidade também fundada por Atena, segundo dizem. Conversando com os sacerdotes dessa cidade sobre histórias antigas, ele resolveu contar-lhes a mais antiga de todas, sobre Foroneu¹, Níobe² e o dilúvio de Deucalião e Pirra³, assim como sua genealogia. Temos, nesse trecho mais uma menção ao esforço de memória, agora de Sólon:

E em dado momento, tendo desejado levá-los a histórias acerca das coisas antigas, pôs-se a contar as coisas mais antigas das que aconteceram na cidade, e contou os mitos acerca de Foroneu, dito o primeiro, e Níobe, como sobreviveram, contou suas origens, [e pelo cômputo – *diannemoneíon* – das gerações procurou determinar o tempo decorrido⁴];

¹ “Segundo as lendas do Peloponeso, o primeiro homem do mundo.” GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Ver p. 178.

² Filha de Foroneu, “é a primeira mulher mortal”. GRIMAL, 2005, p. 331.

³ Casados, Deucalião e Pirra foram os únicos humanos da Idade de Bronze poupados por Zeus, por serem justos, quando este mandou um dilúvio para afogar a raça viciosa. Construíram uma arca e dentro dela ficaram nove dias e nove noites até as águas baixarem. Ver GRIMAL, 2005, p. 118.

⁴ O trecho entre colchetes, para nós particularmente difícil, é tradução de Carlos Alberto Nunes. Em NUNES, 2001, p. 57. O empecilho é que não dá para adivinhar onde Nunes encaixou o *diannemoneíon*. Em *cômputo?* Rivaud, em *Timée – Critias*. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1985. (Collection des Universités de France, Platon, t. 10), p. 132, também não resolve o problema: “Et il s’efforça, en supputant les années où se passaient les événements, de calculer leur date.” *Supputer* é “évaluer indirectement, par un calcul, mais sans données précises”, segundo ROBERT, Paul; REY, Alain; REY-DEBOVE, Josette; et al. *Le Robert Micro: dictionnaire d’apprentissage de la langue française*. 3. ed. Montréal: Dictionnaires Le Robert, 1998. Ver p. 1281; de modo que Rivaud também não faz referência à memória. Brisson (*Timée-Critias*. Avec la collaboration de Michel Patillon. 5. ed. Paris: Flammarion, 2001), p. 107, não esconde o termo, traduzindo “Il fit aussi la généalogie de leurs descendants, et il essaya de calculer à combien d’années remontaient les événements qu’il évoquait, en se remettant en mémoire leur âge”. O tradutor nos facilita a leitura do grego. *Il essaya de calculer – peirâsthai ... arithmeîn; à combien d’années remontaient les événements qu’il évoquait – tà tôn etôn hōsa ên hoīs élegen; en se remettant en mémoire leur âge – diannemoneíon toūs khrónous*. Mas o texto nos é difícil, preferimos manter a tradução de Nunes.

e algum dos sacerdotes, bastante antigo, disse: “Ó, Sólon, Sólon, vós, os gregos, sois sempre crianças; não há um grego velho.”¹”

Enquanto Sólon acredita estar narrando um passado, o passado mais remoto de sua cidade, o sacerdote intervém com essa afirmativa de que os gregos são sempre crianças. O que não deixa de ser interessante por nos trazer à memória o momento, já descrito, de quando Crítias-avô sorri para Amínandro e resolve lhe contar a trajetória de Sólon no Egito. A relação do velho com o novo permanece. Amínandro, que é irmão de Crítias-narrador, deve ter perto de dez anos quando ouve a história de seu avô. Assim como os gregos, ele é uma criança. E aquele que tem o papel de transmitir de memória a história é bastante velho. É o caso do Crítias-avô, com noventa anos²; é o caso do sacerdote do Egito; é o caso da cidade de Saís, que tem um clima e uma localização geográfica que permite a manutenção da tradição por milênios.

Bom, mas é aqui que somos introduzidos a um outro papel da memória, além daquele de requisito filosófico e de requisito para a escolha de um bom paradigma de vida. O sacerdote de Saís, quando diz que os gregos são crianças, acrescenta que todos eles são novos nas almas. A explicação disso residiria no fato de que de tempos em tempos sua região é devastada por dilúvios, de modo que só sobrevivem montanheses que, justamente por serem iletrados, não guardam a tradição.

¹ PLATÃO. *Timeu*, 22a5-b5.

² As idades nos parecem, portanto, ter um papel de destaque. Quando Platão faz questão de dizer as idades dos dois Crítias não há a intenção de localizar os personagens historicamente, o que dá margens a múltiplas interpretações sobre as identidades de cada um deles, mas ressaltar o quadro da criança que ainda não havia ouvido/sabido a verdadeira história de sua cidade. Para uma visão pragmática dessa relação novo/velho, ver BRISSON, 1994, p. 68-69 e 77. “A velhice do narrador permite reduzir ao mínimo a degradação que afeta toda mensagem transmitida oralmente durante um longo período de tempo e que resulta da transformação que sofre toda narrativa a cada uma das etapas de sua transmissão oral. Entre avós e netos, uma etapa é saltada.” O autor considera a transmissão do velho para o novo uma “economia importante no domínio da comunicação”. Preferimos, no entanto, associar a ênfase nas idades à idéia de que se pode moldar a criança por meio de narrativas. Idéia desenvolvida na *República* e retomada no diálogo ora estudado.

O sacerdote egípcio, então, começa a contar a história dos próprios atenienses, que não a conhecem. E eles não a conhecem porque os sobreviventes dos dilúvios são áfonos em relação aos escritos, à tradição. O papel da memória que gostaríamos agora de destacar está relacionado ao conhecimento. Os gregos não sabiam porque não ouviram contar. Em algum momento, por conta dos dilúvios, a memória da cidade se perdeu. Os sobreviventes são montanheses estranhos às letras e às musas, de modo que a cada dilúvio os gregos se tornam novos. Se, por um lado, existe a perda, a ausência de uma história que agora se sabe que existiu, por outro, é a partir dessa infância, e essa é a idade ideal, que uma “nova história” pode se construir, ainda que desde a memória resgatada. Os mitos de crianças são substituídos por um *lógos* verdadeiro. Como não nos lembrarmos agora da *República*, quando os personagens discutem a educação que darão aos guardiões? É o novo e terno que se esculpe, é nele que entra o molde quando se quer imprimir uma marca¹. “O novo também não é capaz de discernir o que é alegoria² do que não é”, e as impressões que recebe costumam ser difíceis de apagar e deslocar.³ É a infância o momento, o lugar perfeito para a impressão na alma. E é somente o que está impresso na alma que somos capazes de recordar.⁴

Um indício importante para a confirmação desta hipótese, que aparece no decorrer do discurso do sacerdote de Saís, é o fato de o mesmo contar a Sólon sobre a fundação de Atenas há nove mil anos e descrever suas leis de memória. Todas elas foram salvaguardadas em livros sagrados egípcios, mas o sacerdote narra de cor e com detalhes a constituição política da Atenas primitiva e de Atlântida. Platão faz questão de deixar claro que ele, o sacerdote, não recorre aos livros, com sua fala de que pegarão os escritos quando estiverem ociosos⁵. Além disso, até a mesma história ser escrita, o que leva no

¹ PLATÃO. *República*, 377a12-b3.

² *Alegoria* é a tradução de *hyponoía*.

³ PLATÃO. *República*, 378d7-e2.

⁴ Para uma visão bastante distinta da nossa, ver LEE, 1977, p. 148. Em sua opinião, a identificação dos gregos com crianças se daria por eles terem um péssimo sentido de tempo, por serem desorientados quanto à “dimensão-tempo”.

⁵ PLATÃO. *Timeu*, 24a1-2.

mínimo mil anos, visto que Saís é fundada mil anos depois de Atenas, ela é contada de memória por gerações de atenienses. Durante mil anos a história se mantém oralmente, em seguida passa a ser escrita nos livros sagrados de Saís, mas, quando o sacerdote a conta a um grego que a desconhece, a conta de cor, mantendo, de certa forma, a tradição oral, a tradição da história que se ouve contar. Depois Sólon conta a história a Drópides (história que não escreve), que conta a Amínandro; é ouvida por Crítias que agora conta a Sócrates, Timeu e Hermócrates. Mas a linha da rememoração não acaba assim. Crítias, ao final do prólogo do *Timeu*, conta como se recordou da história ouvida aos dez anos. Temos, nessa última parte do *Timeu*, várias menções à memória e ao papel que ora lhe atribuímos, o de vinculação ao conhecimento via as impressões na alma:

Escutas, Sócrates, os ditos do velho Crítias conforme o que ouviu Sólon, que disse em poucas palavras; ao falar tu, ontem, sobre a *politeía* e sobre os homens, aqueles que descrevias, eu me pegava com espanto recordando [*anamimneskómenos*] isto que agora conto, refletindo como divinamente de um acaso, não de propósito, mencionaste muitas coisas das quais Sólon disse. Naquele mesmo momento não queria dizê-lo; pois por causa do tempo não me recordava [*ememnēmen*] suficientemente.¹

A memória de Crítias é despertada pela descrição daquela *politeía* feita por Sócrates. Como vimos pela constituição da Atenas arcaica, a recordação da história de Atenas é quase a recordação do paradigma da *República*.

Depois que a memória de Crítias foi despertada pela *politeía* de Sócrates, tendo Crítias e seus companheiros sido instados a empreender a tarefa de pôr tal *politeía* em movimento, o mesmo resolveu retomar essa história de que pouco se lembrava. No caminho para casa, na véspera, contou a Hermócrates aquilo de que se lembrava. Depois, sozinho, durante a noite, recobrou quase toda a história. No dia seguinte, (hoje, para o diálogo) contou-a para Timeu e Hermócrates. Depois, contou para os mesmos e Sócrates. No percurso da recomposição são cinco os momentos descritos. Crítias

¹ PLATÃO. *Timeu*, 25d7-26a2.

se recorda da história vagamente, conta a história a Hermócrates, recorda de muito mais à noite, conta a Timeu e Hermócrates no dia seguinte, conta a todos agora. Seguindo o percurso cronológico da história, como propusemos fazer anteriormente, ela começa com o próprio evento; é passada de geração em geração por mil anos em Atenas; é escrita em livros sagrados do Egito; oito mil anos depois Sólon a ouve de um sacerdote egípcio; Sólon a conta a Drópides; Drópides a conta a Crítias-avô; Crítias-avô a conta a Amínandro, irmão de Crítias-narrador, que acaba também a ouvindo; Crítias-narrador a tem despertada quando ouve Sócrates; Crítias-narrador a conta a Hermócrates; Crítias-narrador a recompõe durante a noite; Crítias-narrador a conta a Timeu e Hermócrates; Crítias-narrador a conta a Sócrates, Timeu e Hermócrates. E não só conta a própria história, como todos os caminhos que ela percorreu. E é nesse ponto que temos as últimas ocorrências de termos relativos à memória no prólogo do *Timeu*, passagem bastante ilustrativa no que diz respeito à questão da infância e à sua alma impressionável:

Assim, então, conforme o que ele [Hermócrates] disse, ontem imediatamente após sair daqui, para eles remontava dessas coisas recordando-me [*anamimneskómenos*]. E, afastando-me, quase tudo recobrava investigando durante a noite. Que certamente, como se diz, os estudos das crianças têm admiravelmente algo de mnemônico [*mnemeíon*]. Pois eu, tendo ouvido aquilo ontem, não saberia se poderia reter tudo de novo na memória [*mnéme*]; daquelas coisas, no entanto, que há muito tempo ouvi, eu me espantaria totalmente se alguma delas me fugisse.¹

Isso porque, continua Crítias, essa história que ouviu de seu avô o marcou como uma pintura cáustica (*enkaúmata*). Crítias quando criança foi marcado, daquela mesma maneira discutida pelos personagens de *República*.

O texto do *Crítias* mantém ainda a memória como a força que conduz a narrativa. O personagem desta vez chega a invocar Memória² antes de prosseguir. Mas agora sabemos que a memória de

¹ PLATÃO. *Timeu*, 26a7-b7.

² Sobre Mnemosýne e, mais especificamente, Mnemosýne em Platão, ver VERNANT, Jean-Pierre. Aspectos míticos da memória. In: _____. *Mito e Pensamento entre os*

Crítias não só está relacionada à memória da cidade, no sentido de a narrativa ser um encômio a Atena, e de glorificar antigos heróis atenienses, isto é, não só no sentido histórico, frequentemente mencionado pelos intérpretes, mas a memória também está ligada a um processo de conhecimento e formação – a partir de moldes, gravura, impressão – daquele que é dito criança. Se na *República* as crianças observadas são os futuros guardiões, aqui, no *Timeu* e no *Crítias*, temos um povo inteiro *neós*, criança e que não envelhece. De maneira muito sagaz Platão consegue unir a memória daquilo que está numa alma, usando Crítias e outros personagens como suporte, à memória de todos, ou à memória de todas as almas, de todos os atenienses, de toda a cidade.